

Do Livro de Silbion (Construção da Noite)

Nada tenho.
Quebrem-me os ossos e façam uma bandeira.

Nada tenho,
nem ossos, nem bandeira.
Minha terra não é aqui,
os ossos são de um outro mais perfeito
e o canto não é meu
mas é do outro.

Assim me cumpro,
assim me cumpro sempre.
A luz que pousa em nosso estranho rosto
não é luz mas é sombra.
A voz que faz rolar os sonhos verdes
não é sonho,
é um rio de longas crinas,
lombo espesso
e os olhos aterrados de um cavalo.

E o mundo nos recebe em maresia.
Vento de febre.
Nos plantaram na vida
como trigo, arroz ou árvore.
Nos deram
a inconstância de um peixe vespertino,
a inconstância de um dorso sobre a noite,
a inconstância da argila sobre a pomba,
tão virgem,
tão espírito na carne.
a inconstância da carne violenta
com vírgulas e rosas na epiderme.

Tudo cessa.
Tudo cessa na epiderme
mas o fundo é o outro lado.

Do Livro do Tempo (1965)

gira girando o tempo
O tempo roda gira
pesa no ombro o tempo
tritura o tempo e gira
recebe a morte o tempo
tritura o homem dentro
sol que se desfibra
gira girando o tempo
gira girando.

Inscrição

Aqui estou, aberto o pórtico.
Serei breve no amor e no transporte.
O óbolo está pago, o dia resgatado
e a barca pronta com seu barqueiro amargo.
Aos deuses não ousa nada,
nem compro,
senão o intervalo
de meu próprio espanto.
Carregai-me, barca.
E ainda canto.

Do Livro de Silbion (Homem no Caos):

Carlos Nejar

Não sentiste a noite nos olhos, Silbion?
A noite nos lábios, fontes nuas, panoramas,
o vento, a terra nua sobre os lábios?
A noite nos teus lábios como um beijo?
A noite no teu sangue como um plasma
de salitre e florestas;
avenidas e praças no teu sangue?

Não sentiste, Silbion,
um túnel
no teu corpo de pássaros?

Nada te detém;
é a noite no teu corpo, Silbion.
A noite terrível no teu corpo.
Nada te detém,
e te projetas
nos redutos da noite

(nem a noite).
O presente e o futuro
se entrelaçam
em tua morte
como um braço de fogo.
Nada te detém.
Nem a morte
nem o tempo
como um braço de fogo.

(de SÉLESIS A DANAÇÕES, Ed. Quírom a sair breve)

Do Livro de Silbion (1963):

Carlos Nejar

Silbion,
contempla os astros.
Se os astros não existem,
contempla-os da mesma maneira.

A existência das coisas
não procede do vento
nem dos astros.

É o brotar de sangue.

Os pássaros emigram
para a certeza das árvores.
Emigram
na geração das flores e da luz.
Vozes a caminhar
dentro da seiva, dedos de susto
nos caules e nas hastes, redenção
de sobras avançando a madrugada.

(de SÉLESIS DANAÇÕES, Ed. Quíron, SP, a sair breve)

de O Campeador e o Vento (Parte final):

Quando os ventos forem caminhos
e os ventos ventos forem sementes,
quando os cavalos forem moinhos
e a noite negra for transparente,

quando os ventos forem caminhos,
quando os barcos forem poente,
quando os cavalos forem moinhos,
moendo a noite tranqüilamente,

quando os ventos forem caminhos,
a vida cheia de ventos
na vida feita semente,
moendo o jugo com seus dentes,

quando os ventos forem caminhos,
seremos ventos e ninhos,
sombras esguias, ventos moinhos,
moendo a noite nos seus caminhos.

(de SÉLESIS A DANAÇÕES, Ed. Quírom, SP.)